

## A ESCUTA ANALÍTICA, O CORPO E A CONTEMPORANEIDADE

*Angela Coutinho\**

### RESUMO

O trabalho trata da escuta analítica face à contemporaneidade, presupondo a psicanálise um saber aberto. A psicanálise lida com um corpo que é falado antes de falar, atravessado pelo investimento libidinal do outro, condição para sua erogeneização. O corpo fantasmático é a matriz do inconsciente. Corpo e imagem, isto é, corpo e fantasma são indissociáveis. A imagem corporal é a réplica do corpo impregnado de múltiplas projeções e vivências, sendo uma das vias privilegiadas de acesso ao inconsciente. A escuta analítica tem como condição de possibilidade a escuta do próprio corpo do analista para que este possa funcionar como uma caixa de ressonância frente à avalanche de impressões sensoriais, numa linguagem verbal e não verbal que vêm do analisando, às vezes sinalizada primordialmente no corpo. Escutar com o próprio corpo é ser capaz de captar a atmosfera e viver as intensidades que o encontro analítico engendra.

Palavras-chave: Escuta analítica; Contemporaneidade; Imagem corporal; Corpo pulsional; Matriz do inconsciente.

---

\* Membro Psicanalista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID); Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

## ABSTRACT

## ANALYTIC LISTENING, THE BODY AND CONTEMPORANEITY

*This paper concerns analytic listening in contemporaneity from the perspective of psychoanalysis as an open knowledge. Psychoanalysis deals with a body that is spoken for before it speaks, since there is always a libidinal investment in the other. The phantasmic body is the matrix of the unconscious. Body and image, that is, body and phantom, cannot be dissociated. Corporal image is the replica of the body impregnated with multiple projections and experiences and this constitutes one of the privileged means of access to the unconscious. Analytic listening has, as one of its possibilities, listening to the body of the analyst himself in order for this to be able to function as a sounding board that will capture the avalanche of sensorial impressions, verbal or non-verbal, coming from the analysand, often signalized primordially by the body. Listening with one's own body is to be able to capture the atmosphere and to experience the intensity of emotions that arise from the analytic encounter.*

*Keywords: Analytic listening; Contemporaneity; Body image; The pulsional body; The matrix of the unconscious.*

## A ESCUTA ANALÍTICA, O CORPO E A CONTEMPORANEIDADE

Desde os seus primórdios a psicanálise aborda a questão do corpo. Foi, na verdade, por onde ela começou, isto é, pelo desafio que os males da histeria suscitou. Males do corpo que não encontravam nenhuma justificativa para a medicina. Freud aceita o desafio, inventa um sistema nervoso hipotético a fim de explicar tais fenômenos e, com a hipótese do inconsciente, é colocada a pedra angular para o que conhecemos como “*talking cure*”, a cura pela palavra, a psicanálise.

No início, preocupado com os traumas factuais, de ordem sexual, incidindo sobre o corpo, Freud elabora a teoria da sedução. Depois abandona essa hipótese e passa a valorizar a realidade psíquica que é a maneira subjetiva, singular, pela qual os fatos são apreendidos. A fantasia vem ocupar um lugar central na psicanálise. A referência principal, de início ligada ao “corpo físico/concreto”, alvo

TEMPO PSICANALÍTICO, RIO DE JANEIRO, v.40.2, p.???-???, 2008

dos traumas, vai sendo deslocada para o universo fantasmático, associado ao corpo pulsional, entre o soma e o psíquico. O corpo é como um lugar de inscrição das fantasias, corpo representado e também lugar do excesso, do que não se inscreve no psiquismo, do que só tem registro nele próprio.

Pretendo abordar, aqui, a temática do corpo como matriz do inconsciente. A imagem do corpo como via privilegiada de acesso ao inconsciente.

A relação entre a escuta analítica e o corpo será desenvolvida a partir de um olhar contemporâneo. e, por contemporâneo e/ou moderno, queremos dizer contexto atual, por um lado, e uma atitude, por outro. Atitude, como método crítico de problematizar o instituído, no sentido foucaultiano.

Para pensar a escuta analítica hoje, a referência a Freud continua sendo essencial. A noção de contemporaneidade é associada aos contextos das diferentes leituras do texto freudiano, eixo fundamental que norteia a nossa prática. Será delineada a orientação que sustenta a escuta analítica hoje, incluindo aí nossa perspectiva sobre a questão do corpo em psicanálise e as implicações clínicas daí decorrentes.

Apesar de todo o esforço empreendido por muitos, no sentido de se fazer uma exegese da obra freudiana, o acesso ao que ele queria dizer, a enunciação do seu texto fica, certamente, controvertida. É o que atesta a história do movimento psicanalítico. As diferentes leituras pressupõem matrizes muitas vezes díspares que levam a caminhos incompatíveis entre si.

## O TEXTO E SEUS LEITORES (COUTINHO, 1994)

O texto freudiano é o eixo que funda o campo psicanalítico, tendo sido objeto de interpretações múltiplas (BIRMAN, 1991), ao longo da história do movimento psicanalítico. Isto pode ser remetido à polissemia da obra freudiana e, ao mesmo tempo, trata-se da

TEMPO PSICANALÍTICO, RIO DE JANEIRO, v.40.2, p.???-???, 2008

questão mais geral do texto e seus leitores (KRISTEVA, 1974; RICOEUR, 1988; TODOROV, 1971).

Ler um texto é interpretá-lo, e a interpretação está intimamente ligada ao interpretante. O texto como escritura torna-o relativamente autônomo em relação à intenção do autor. O leitor não é um mero receptor passivo; ele se apropria do texto.

As inúmeras tendências do pensamento psicanalítico buscam se sustentar em formulações freudianas, pretendendo ocupar o lugar privilegiado da verdadeira e única psicanálise. Desse modo, as questões teórico-ideológicas que “pre-ocupam” o leitor delineiam o tipo de leitura, os recortes, as perguntas a serem feitas ao texto, bem como as respostas daí advindas, ou melhor, assim induzidas.

Contudo, esta apropriação tem um limite que é a própria resistência do texto. Como pensar a resistência do texto à polissemia de leituras? Uma vez que a obra transcende suas próprias condições psico-sociológicas de produção, e que se abre a uma seqüência ilimitada de leituras, elas mesmas situadas em contextos diferentes, a pergunta insiste: como resiste o texto à essa apropriação ativa pelo outro? e se, por outro lado, a riqueza do texto estiver justamente na diversidade de leituras que ele comporta? Sendo assim, como pensar o rigor e a precisão necessários para se traçar as linhas de força que sustentam determinada perspectiva? Essas questões mais abrangentes extrapolam o âmbito da psicanálise e do nosso trabalho, mas ficarão como pano de fundo em relação aos temas específicos que pretendemos desenvolver.

### PSICANÁLISE: UM SABER CONTINGENTE

Freud, na elaboração de sua teoria, contextualizou-a considerando sua época e tendo como norte principal a soberania da clínica. A contemporaneidade foi determinante para a formulação de questões e para a própria construção do saber psicanalítico. do mes-

TEMPO PSICANALÍTICO, RIO DE JANEIRO, v.40.2, p.???-???, 2008

mo modo, as leituras do texto freudiano pressupõem diferentes contextos, variando em função dos momentos em que ocorrem.

Neste sentido, não existe “a psicanálise” como um saber abstrato e atemporal a ser confrontado com a contemporaneidade. A psicanálise não tem uma essência que transcenda os contextos diversos nos quais ela se inscreve. A psicanálise é um saber aberto, poroso aos fatos da cultura, imerso neles. Cada releitura da psicanálise é, também, uma resignificação e, portanto, uma atualização da mesma. As diferentes matrizes espaço/temporais determinam a polissemia de leituras, testemunhada pela história do movimento psicanalítico.

Em dois momentos, distantes trinta anos um do outro, li o mesmo texto de Freud, fazendo interpretações díspares de um determinado trecho. Trata-se do artigo *Construções em Análise* onde Freud ([1937] 1975) compara o analista ao escultor. Na verdade, a estátua que é esculpida já estava lá, diz Freud, sendo o trabalho do escultor retirar o excesso; do mesmo modo, faz o psicanalista frente ao material trazido pelo analisando. Numa primeira leitura, há trinta anos, interpretei essa metáfora da estátua como representando a nossa essência, uma vez que a psicanálise era pensada na época como um processo de autoconhecimento. Retirando os excessos, isto é, as defesas, chegaríamos à verdade, à nossa essência. A nossa identidade seria, afinal, descoberta e, com isso, ganharíamos uma estabilidade. Hoje meu entendimento desta metáfora é muito diferente, eu diria mesmo que é oposto. No meu ponto de vista hoje, a estátua a que se chega numa análise, longe de representar a nossa essência, é algo enganosamente estanque, uma imagem petrificada, cristalizada em função da imaginação do simbólico, por se supor uma verdade absoluta. e é essa estátua petrificada - sob forma de fantasma - que será atravessada, pulverizada, mitigada ao longo de um processo analítico. Perde-se, desse modo, qualquer ilusão de estabilidade. Aqui, a identidade pode ser apreendida em uma metamorfose, isto é, indo além de uma dada forma. A identidade não é uma condição mas um estado instável, mutante (DUNKER & KYRILLOS, 2006).

A ESCUTA ANALÍTICA COM A CONTRIBUIÇÃO DE FOUCAULT  
(COUTINHO, 2001)

Além da fundamental influência exercida pelo pensamento de Lacan, a contribuição de Foucault, importante pensador do contemporâneo, foi determinante na mudança de perspectiva que nos levou a uma resignificação da leitura do texto freudiano. É importante ressaltar que a idéia de contemporâneo, aqui, não se refere a um determinado período da história e sim a uma atitude, (*ethos*). O contemporâneo, em Foucault, pressupõe uma metodologia crítica, seja quanto ao exercício crítico do instituído, seja como experiência de crise. Trata-se de uma *“experiência desestabilizadora que leva a nos deslocar de onde estamos, a por em questão o que somos e a nos livrar das cadeias causais que nos tornam reféns da história”*. (PASSOS & BENEVIDES, 2001: 90).

O tema geral das pesquisas de Foucault é a história dos saberes que detemos sobre o sujeito, visando traçar suas condições de possibilidades históricas e, com isso, o caráter precário, circunstancial, dessas verdades. Não há oposição entre verdade e história e sim a marcação do caráter histórico do que existe e ao mesmo tempo a inexistência de uma essência. Neste sentido, a verdade tem o estatuto de uma ficção.

A psicanálise trabalha com a noção de história. No entanto, uma determinada maneira de concebê-la pode levar a uma prática clínica que considera o passado como aquilo que marca o presente, cristalizando-o. Trata-se, neste caso, de uma perspectiva historicista, em que o estudo do passado visa restituí-lo tal como era, em busca da origem. Retirando-se todas as máscaras poderia se desvelar uma identidade primeira. Justifica-se, assim, o presente pelo passado, colocando um no outro e trazendo com isso uma estabilidade ao presente. A restituição do passado fundamentaria o presente.

Ao se abordar a história numa perspectiva foucaultiana o valor atribuído ao passado muda inteiramente, ocorrendo conseqüências significativas para a prática clínica. Foucault é um crítico do

historicismo, mas não no sentido de negar a história. A história faz parte de seu método, mas serve para conjurar a “*quimera da origem*” (FOUCAULT, [1971] 1993: 19). A história nos cerca e nos delimita; não diz o que somos, mas aquilo de que estamos em vias de diferir (DELEUZE, [1972-1990] 1992); não estabelece nossa identidade, mas a dissipa, nos separa de nós mesmos (FOUCAULT, [1971] 1993). O presente pode ser desfamiliarizado ao se demonstrar que é histórico o que parece permanente. Nas palavras de Foucault, o genealogista aprende: “*Que por trás das coisas há algo ‘inteiramente diferente’: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas.*” (FOUCAULT, [1971] 1993: 18). Para pensar como se dá o processo de estranhamento frente ao “já constituído”, Foucault aborda a ética do intelectual (VAZ, 1992).

A dimensão ética, em Foucault, não implica numa ética finalista. Trata-se de uma ética em relação ao *acontecimento* (FOUCAULT, [1977] 1993), pressupondo um questionamento incessante frente ao mesmo. Foucault aponta a “pura espera” como o meio de se relacionar com os acontecimentos do presente. Implica uma “acolhida” e uma “crítica” ao mesmo tempo. O acolhimento, em função do reconhecimento das condições de possibilidade que resultaram no acontecimento; por outro lado, a crítica é inerente, por ser o instante presente aquilo que fratura, rompe o curso do tempo, ao se constituir como um acontecimento questionador do modo como até então se deu a história. O acontecimento presente será produtor de diferença, no confronto com suas condições históricas de possibilidade.

Faz parte também da ética do intelectual uma “atração negligente” pelo “fora”, isto é, atração pela abertura, pela pura abertura. Essa negligência implica no zelo de inquietar as crenças, mostrando, ao traçar as raízes do acontecimento, que este não se esgota aí, apontando, assim, para um “fora”, conceito horizonte, ao qual nunca se chega mas que sempre se busca (FOUCAULT, 1966).

Seguindo a perspectiva de Foucault, traçamos os limites atuais de uma experiência, apontando a verdade como histórica. A partir daí, esses limites podem ser ultrapassados e novas verdades produzidas. É o espaço que se abre para a criação.

Foucault (1984) analisa a concepção de Baudelaire acerca do homem moderno. Longe do homem liberado em seu próprio ser, a modernidade leva o homem a encarar a tarefa incessante de se produzir a si mesmo. O homem moderno não vai à busca da descoberta de si mesmo, de seus segredos e da sua verdade escondida. O homem moderno tenta inventar a si próprio.

Aqui, o aspecto da ética ganha relevo, ética entendida como uma forma de relação consigo mesmo, a “prática de si.” A ética se interessa pelas condições de produção do sujeito (FOUCAULT, [1983] 1995).

A experiência de si, o cuidado de si ou a “prática de si” não é a descoberta de uma verdade escondida no seu interior, mas uma tentativa de determinar o que se pode ou não fazer com certa liberdade disponível. A palavra grega que traduz esse cuidado de si é “*epimeleia heautou*”, palavra muito poderosa que descreve um trabalho, uma atividade, que requer atenção e muito esforço (FOUCAULT, [1983] 1995). A preocupação dos gregos, neste sentido, era constituir uma ética que fosse uma “*estética da existência*” (FOUCAULT, [1983] 1995: 273). Esta ética em muito se distancia da ilusão de uma vida fora do poder e das contingências históricas, fora da sociedade. Ilusão de fixar suas próprias regras, como um sujeito liberado de toda relação com o sistema exterior. Não é disso que se trata quando é abordada a noção de “*estética da existência*”. Foucault opõe-se a qualquer ideologia da libertação.

A “*prática de si*” especifica o campo de uma ética que se opõe à suposição de um eu autônomo, precedendo sua própria história. Foucault critica certas práticas psicanalíticas em que o “*culto de si*” aponta para a descoberta do verdadeiro eu, antes obscurecido e alienado (FOUCAULT, [1983] 1995: 270). A “*prática de si*” referente aos gregos é justamente o oposto desse “*culto de si*.” Não se trata aí

de revelar o oculto, o não dito, ao contrário; trata-se de “*reunir o já dito, agrupar o que foi ouvido e lido, tendo como objetivo a constituição de si.*” (FOUCAULT, [1983] 1995: 272) Para Foucault, não é suficiente afirmarmos que o sujeito se constitui no sistema simbólico; ele também é constituído em práticas historicamente analisáveis (Foucault, [1983] 1995). Uma e outra perspectivas não se excluem.

A estética da existência, assim, consiste em apreender os marcos de subjetivação determinados historicamente, dando lugar à “prática de si,” correspondente ao ato de singularizar, pelo qual os indivíduos se tornam sujeitos. Trata-se de fazer emergir novas formas de subjetivação. Essa “prática de si” que define o sujeito como tal só é possível nas condições históricas de uma cultura, elas mesmas singulares e caracterizadas por um movimento incessante de transformação.

É a função propriamente ética do sujeito que lhe possibilita uma margem de liberdade, autonomia, iniciativa e responsabilidade frente à essas determinações históricas. Na perspectiva foucaultiana, há uma contraposição entre sujeito moral e sujeito ético (MACHEREY, 1988). O “sujeito moral” deve se conformar a uma lei preexistente, sendo obrigado a certas coisas e impedido de outras. É o sujeito conformado, assujeitado. O “sujeito ético,” por sua vez, é constituído a partir da elaboração da prática de si. A história ética do sujeito mostra que ele é resultado, produto de um trabalho. Produto efêmero. O sujeito ético emerge nas margens da história. O lugar do sujeito, nesse caso, é no limite de suas determinações históricas, acatando-as e transgredindo-as a cada vez. Desse modo, o sujeito ético não é pura exterioridade nem pura interioridade; ele se situa no limite do interior e do exterior. Trata-se de um sujeito evanescente, implicando na capacidade de se estranhar. A psicanálise, nessa perspectiva, aparece como o palco de confronto entre o “sujeito moral” e o “sujeito ético”, intermediado pelo testemunho do analista.

A noção de ética como estética da existência não pressupõe um ideal de autenticidade, nos moldes do existencialismo de Sartre, por exemplo. Foucault aponta a criatividade como saída: “*A partir da*

*idéia de que o eu não é dado, creio que há apenas uma conseqüência prática: temos que nos criar a nós mesmos como uma obra de arte.”* (FOUCAULT, 1982: 262).

Desse modo, hoje penso a psicanálise não como um processo de “descoberta de si”, mas sim como um processo de “invenção de si”, possibilitado pela quebra de supostas verdades, advindas da imaginarização do simbólico. Tal processo leva a uma mobilidade do fantasma cristalizado, isto é, a uma simbolização do imaginário. A psicanálise, nessa perspectiva, desloca o imperativo de “conhecer a si mesmo” para o campo do “cuidado de si”. Assim, o que torna a clínica psicanalítica produtiva, a meu ver, é o cuidado de si, que implica num constante vir a ser, num processo de subjetivação; não mais numa perspectiva de sujeito como algo estanque, mas sim, do sujeito como produção.

#### A ESCUTA ANALÍTICA E O CORPO NA CONTEMPORANEIDADE

Ilustramos a polissemia de leituras que o texto freudiano comporta a partir de nossa experiência. Fizemos duas interpretações opostas, em dois momentos, com um espaço de trinta anos entre eles. O que ocorreu de trinta anos para cá? O mundo em que vivemos é outro, toda a nossa perspectiva foi mudando ao longo desses anos e a leitura do texto psicanalítico leva em conta esse novo contexto. Fazemos parte da contemporaneidade. Não estamos do lado de fora, olhando por uma janela o que se passa hoje em dia. Neste sentido, não se pode falar em psicanálise sem levar em conta o contexto em que se está inserido.

Para pensarmos a escuta analítica e o corpo na contemporaneidade, é preciso que fique claro a que corpo estamos nos referindo. Certamente é um corpo que não se confunde com o corpo/organismo de carne e osso, corpo escutado, tratado e operado pela medicina.

TEMPO PSICANALÍTICO, RIO DE JANEIRO, v.40.2, p.???-???, 2008

O corpo que interessa à psicanálise é um corpo vivo, certamente, e atravessado desde sempre pelo Outro. Corpo relacional, sistema aberto que opera em permanente troca com o meio, descartando-se a hipótese de uma vida interior isolada, nos moldes de uma mônada fechada em si mesma. Dizer que o psiquismo é aberto é dizer que ele é amoroso, no sentido de um investimento pelo outro e no outro (KRISTEVA, 1983).

A psicanálise lida com um corpo do qual se fala antes mesmo que ele possa se expressar pela fala. No corpo do bebê, ainda em processo de gestação, são projetadas as expectativas referidas ao desejo parental. O infante nasce num universo simbólico-fantasmático já constituído e suas primeiras vivências, impressões sensoriais, corporais, são escutadas e traduzidas a partir desse código que ele vai assimilando e do qual vai aprendendo, ao longo da vida, a se diferenciar. É um corpo marcado pela presença do outro, vibrando pela presença física, desejante e simbólica do outro. É o Outro, a alteridade, o eixo constitutivo da subjetividade, que se encontra na origem do investimento libidinal do corpo. O primeiro Outro é “encarnado” na mãe. Desse modo, o Outro enquanto alteridade se presentifica através dos outros, nossos semelhantes, com os quais estabelecemos contato.

A mãe acolhe em seu próprio corpo as impressões suscitadas pelo que é vivido pelo bebê, para além ou aquém daquele código pré-formado. É pura intensidade compartilhada. De certa forma, é isto que vai ser re-encenado na situação analítica, ao ser o analista incluído no circuito pulsional.

Pela prematuração inerente ao ser humano, dependemos do investimento do outro para subsistirmos biologicamente e para despertarmos enquanto corpo pulsional e corpo narcísico. O circuito pulsional, que implica numa troca com o fora, é acionado por um agente externo. Essa experiência pulsional engendra uma exigência de trabalho em sua relação com o corpo, a pulsão se inscreve e é o que viabiliza a constituição do sistema simbólico. O corpo narcísico referido à organização egóica, é produto da força de ligação, onde há

a dominância da pulsão de vida sobre a pulsão de morte. O narcisismo é uma estrutura permanente de busca e aspiração de completude.

A imagem subjetiva do corpo é constituída a partir de uma troca com o outro, de onde emerge um “narcisismo essencial à sobrevivência”. O corpo é o “*local de uma excitação erógena que traça o mapa da sexualidade infantil.*” (MIELI, 2002: 11).

O processo de constituição do eu, sustentado pela função cativante da imagem, funda a identificação numa alienação fundamental. A criança neutraliza a dispersão angustiante do corpo, imagem fragmentada, percebendo uma forma “ortopédica de sua totalidade”. A imagem é, sem dúvida, a sua, mas ao mesmo tempo é a de um outro. É essa identificação com a imagem de um outro, constitutiva do eu, que implica numa alienação fundamental.

Na metáfora do espelho, desenvolvida por Lacan ([1949] 1998), a criança é cativada por sua própria imagem, mas ao mesmo tempo dela se afasta, virando a cabeça para trás a fim de ver o adulto que a segura. Procura, com isso, um signo de aprovação, de testemunho. O adulto, nesse momento, é a referência a um terceiro, ao Outro, como signo de aprovação, o que vai constituir a base do ideal do eu que se distingue da projeção imaginária do eu ideal. O olhar do Outro é interiorizado simbolicamente pela criança. A satisfação narcísica que se desenvolve na relação com o eu ideal depende da referência a esse termo simbólico primordial. Neste sentido, a imagem especular, embora referida à dimensão imaginária, constitui uma matriz simbólica. A primeira subjetivação do ser humano, subjetivação de uma forma, esta na origem do símbolo.

Neste “drama que vai da insuficiência à precipitação”, há uma diferença radical e constitutiva entre o eu e suas formas. A apreensão da corporeidade depende do olhar do Outro e é mediada pela imagem. Esta apreensão é sempre oscilante, não havendo boa forma para o eu humano. O corpo é, primeiramente, uma forma de objetificação do eu. “*Um lugar onde o eu apreende-se como tal, como projeção de uma superfície. O corpo é o lugar onde o eu enuncia sua alienação: eu sou isso.*” (DUNKER & KYRILLOS, 2006: 122). A

imagem individualizada é produzida pelo Outro que antecipa nele a imagem total. O sujeito fica inserido no campo do desejo do Outro, instituindo-se, assim, como objeto. A alienação primária é fazer do “sujeito” um objeto, uma forma-imagem na qual possa me reconhecer.

O corpo, eminentemente relacional, recebe as impressões sensoriais em nível corporal cujos traços são as imagens constitutivas do inconsciente, do eu inconsciente. O eu é a imagem mental derivada de nossas sensações que emanam da superfície do corpo. Nas palavras de Freud ([1923] 1976), o eu é, antes de tudo, um eu corporal.

O eu deriva em última instância das sensações corporais, principalmente daquelas que têm sua fonte na superfície do corpo. Assim, pode ser considerado como uma projeção mental da superfície do corpo e, além disso, como vimos anteriormente, ele representa a superfície do aparelho mental. (FREUD, [1923] 1976: 40)

O corpo é a matriz do inconsciente. Trata-se do corpo fantasmático. Impossível descolarmos nosso corpo de carne e osso, do fantasma com o qual ele se confunde. As imagens de nosso corpo são imagens subjetivas que orientam a percepção de nós mesmos. Trata-se de um corpo que amamos ou odiamos, tal como ele está inscrito na nossa história e tal como está implicado na nossa troca afetiva, sensual, sensorial e inconsciente com nossos parceiros privilegiados (NASIO, 2007).

Atualmente nos deparamos na clínica com uma diversidade de queixas que envolvem direta ou indiretamente o corpo (FERNANDES, 1999). A obesidade, bulimia, anorexia e hipocondria são exemplos onde aparece uma excessiva preocupação com o corpo. Em outros casos, ao contrário, raramente se fala do corpo, como se o corpo fosse deixado fora do espaço analítico. O corpo fica presente pela negação.

O indivíduo pode chegar a adoecer sem se dar conta de sinais evidentes emitidos pelo corpo. Uma fantasia de onipotência pode

levar a uma recusa da realidade, como uma tentativa de manter a ilusão de um corpo invulnerável e de uma saúde perfeita. O que se evita, aqui, é o confronto com a finitude, com as limitações da potência corporal. Já na hipocondria há um exagero na escuta do corpo, e não se encontra organicamente nada que justifique tal apreensão. Seja no caso da excessiva preocupação com o corpo, seja na negação, o corpo é considerado como autônomo, como uma exterioridade frente ao eu. Há uma cisão corpo-sujeito. O que se apaga é o sujeito responsável, como agente do que ocorre no corpo. Como se o corpo fosse uma couraça, uma armadura, “esvaziada” de subjetividade.

O uso e abuso de drogas é lugar comum. Drogas lícitas e ilícitas: o trabalho sem trégua, a compulsão por sexo, o cuidado excessivo com o corpo, o cigarro, o álcool, a maconha, a cocaína, entre outras. O abuso das drogas, neste sentido amplo, pode vir a entorpecer o sujeito, levando a uma negligência no cuidado de si, no sentido do processo de subjetivação. Há uma exaltação da sensação pela sensação em que “nada falta” e é como se o sujeito desaparecesse, na negação de uma dimensão de si mesmo. Resta um corpo que funciona, apaziguando a dor de viver(1). O bem-estar que se busca é a ausência de conflito e, portanto, a anulação da condição desejante. Em seguida, após esse momento efêmero, a angústia retorna. No limite, essa angústia atesta uma inibição do sensível, o que vem causando uma dissociação cada vez maior entre corpo e sujeito.

A exacerbação da temática do corpo, presente nas últimas décadas, tem correspondido a um esvaziamento da subjetividade. Subjetividade no sentido de produção, de cuidado de si que, como vimos, não se confunde com o “culto de si.”

Entre o corpo propriamente dito, isto é, de carne e osso, e a percepção que temos dele, há sempre uma tela através da qual norteamos nossa apreensão do mesmo. Essa tela é a imagem do corpo fantasmático que é o que conta subjetivamente (NASIO, 2007).

Lembro de uma analisanda que era obesa e que se sentia um tanto confortável na negação de sua feminilidade, sentindo-se como

o “bebê fofinho do papai”, escondendo com a gordura seu corpo de mulher. Desse modo, ela podia desfrutar, sem conflito, da proximidade afetiva com o pai. Ela “sabia” que estava gorda, mas não se via gorda, de fato. Ela jamais se olhava no espelho e ficou muito chocada no dia em que, andando pela rua, se deparou consigo mesma refletida numa vitrine. Sua imagem no espelho não correspondia à sua percepção subjetiva, pautada na imagem de si atravessada pelo fantasma.

Outro exemplo de discrepância entre o corpo físico e a percepção de si construída a partir do fantasma é o caso de uma moça anoréxica, convencida de que estava gorda, por mais que o espelho lhe devolvesse uma imagem esquelética. Ela via gordura onde só havia pele e osso. Uma questão se colocava: de onde vinha este excesso que a analisanda colocava na gordura?

Uma outra analisanda apresentava como único e incômodo sintoma, não poder mostrar as mãos, que por sinal eram lindas, e que ela definia como “cheias de veias” e horrorosas. Para escondê-las, só vestia roupa de manga comprida, tão comprida que cobria inclusive as mãos. Dizia que só quem achava suas mãos lindas era o pai. O que ela evitava, ao esconder as mãos, era o confronto com o olhar do pai e os conflitos daí advindos.

A imagem corporal é o duplo, a réplica desse corpo impregnado de múltiplas projeções e vivências, que não se restringe à imagem visual. Abrange também as imagens auditivas, olfativas, acústicas, táteis e gustativas. Trata-se não apenas da imagem visível do corpo global, mas também da imagem não visual de um corpo marcado por um mosaico de sensações, de desejos e de gozo. A imagem está no centro do fantasma. Neste sentido, as imagens do corpo são, para a psicanálise, uma das vias privilegiadas de acesso ao inconsciente (NASIO, 2007).

Françoise Dolto ([1984] 1992) desenvolve a noção de “imagem inconsciente do corpo” que é o conjunto de todas as primeiras e numerosas impressões gravadas no psiquismo infantil pelas sensações corporais que o bebê experimenta no contato físico, afetivo e simbólico com a mãe.

Pensamos a noção de imagem inconsciente, não apenas referida ao próprio corpo e sim a imagens marcadas no corpo, imagens de cenas vivenciadas nos diferentes encontros, cujo protótipo é o encontro mãe-bebê. Imagens não apenas visuais. O ritmo da interação terna, desejante e simbólica entre o bebê e a mãe é registrado. É o traço desse ritmo alternado de sensações agradáveis e desagradáveis que ficará inscrito sob forma de imagem inconsciente. Neste caso, uma imagem rítmica (NASIO, 2007).

As imagens inconscientes podem se manifestar num gesto, num comportamento involuntário, como "*imagens atuadas*" (NASIO, 2007: 97-98). A imagem atuada é a exteriorização, é o retorno de uma imagem inconsciente recalçada, que pode ser captada através de um brilho do olhar, uma expressão do rosto, ou o modo de posicionar o corpo, movimentar a cabeça, produzir sons estranhos ou murmurar palavras inaudíveis. No lugar de retornar à consciência, a imagem inconsciente de nossas impressões infantis pode se atualizar numa ação.

Através do desenho espontâneo das crianças, por exemplo, uma imagem inconsciente pode se atualizar. Tal imagem vai se exteriorizar na expressão involuntária de uma emoção da qual o sujeito não tem consciência. e essa exteriorização não é necessariamente acompanhada de alguma expressão verbal e nem é passível de interpretação sob pena de suscitar forte resistência. Há uma linguagem subliminar – que se evidencia através dos desenhos, jogos e atitudes da criança – que possibilita uma comunicação entre o analista e a criança, a despeito da palavra (NASIO, 2007).

Eu vivi uma experiência fora do âmbito da clínica, quando estava fora do Brasil e não dominava a língua local. Conheci uma família que havia se mudado naquele dia para perto de onde eu estava hospedada. Era um casal e uma criança de cinco anos. Estabelecemos um contato informal e quase através de mímica perguntei à criança se ela gostaria de desenhar no meu caderno. Ela ficou toda contente e fez o desenho de uma criança chorando com um bichinho ao lado. Sua mãe se aproximou, olhou o desenho e

disse que aquela menina era ela, sua filha. Que estava triste e chorando porque elas haviam se mudado da casa onde elas sempre moraram e que agora ela havia perdido a esperança de ver os pais casados outra vez. Nessa mudança ela efetivava sua relação com outro homem. A menina começou a gritar angustiada, desesperada, dizendo que a menina do desenho não era ela, claramente sentindo-se profundamente magoada e invadida. A mãe insistia nesta interpretação e eu, um pouco para acalmar os ânimos, disse para a mãe que quando uma criança faz um desenho ela prefere falar sobre o desenho e não sobre o que se passa com ela. Daí a mãe mudou de tática e perguntou por que a menina do desenho estava chorando e a criança, respirando aliviada, respondeu que foi porque o cachorrinho lhe mordeu. A mãe se afastou e continuamos a brincar. Desenhei um gatinho e perguntei se ela queria desenhar outro. Depois foi sua vez de me pedir para imitá-la. Desenhou uma boneca e fiz outra igual. Ela estava bastante entusiasmada. Daí ela fez uma figura humana com oito seios como se fossem tetas, pintou de preto o lugar da vagina com um pênis entrando. Mostrou-me o desenho e disse que eu não poderia contar para ninguém. Era um segredo entre nós.

Essa experiência não se passou no âmbito da clínica. Contudo, pude extrair daí algumas lições: a primeira é que pode ocorrer uma comunicação “*malgré la langue*”, isto é, apesar da língua, da linguagem verbal. A comunicação se dá num outro plano e isto ficou patente quando eu estava na condição de estrangeira tentando estabelecer um contato, apesar da língua. A segunda é que a interpretação fora do *timing* e do contexto é uma violência e gera resistência. e mesmo no âmbito de uma análise, a interpretação nem sempre é a melhor estratégia para termos acesso ao universo fantasmático do analisando. A terceira é que a resistência precisa ser respeitada e contornada porque todos têm direito à legítima defesa, isto é, toda defesa é legítima e cada um defende-se como pode. Finalmente, quando a criança se sente escutada, respeitada na sua dor e na sua necessidade de dissociar, espontaneamente ela abre as comportas de seu uni-

verso fantasmático. Uma imagem inconsciente foi atualizada através do seu desenho.

Vimos que as imagens do corpo são, para a psicanálise, uma das vias privilegiadas de acesso ao inconsciente. Corpo relacional, sistema aberto que opera em permanente troca com o meio. Na situação analítica, pelo viés transferencial, há um mútuo investimento libidinal entre analista e analisando, sendo o analista incluído num circuito pulsional. O analista vivencia essa intensidade libidinal e a força pulsional em estado bruto. Há algo aí em vias de ser produzido, um processo de subjetivação. O trabalho analítico possibilita uma reorganização libidinal do corpo, que é a “fala” do corpo (BIRMAN, 1997). Para tal, é preciso que o analista escute, com o próprio corpo, o corpo do analisando, e compartilhe do ritmo dessa interação, vivenciando a impressão das variações rítmicas da intensidade emocional.

Desse modo, o analista acolhe em seu próprio corpo as impressões suscitadas pelo que é vivido pelo analisando. É vivência em estado bruto, pura intensidade compartilhada, um alguém da representação. No entanto, trata-se, aqui, não apenas de acolher, mas de acolher e nomear. Ligar o corpo à palavra, favorecer a representação das impressões nunca antes nomeadas, mas sentidas pelo indivíduo. É o Outro-analista que se presentifica enquanto outro, podendo investir o corpo mudo do analisando. Com sua presença acolhe e nomeia as sensações desse corpo. de um corpo mudo, advém um corpo falado, isto é, num corpo subjetivado (FERNANDES, 1999). Que implica num cuidado de si, num constante vir a ser, num processo de subjetivação.

A escuta analítica tem como condição de possibilidade a escuta do próprio corpo do analista para que este possa funcionar como uma caixa de ressonância que acolhe a avalanche de impressões sensoriais, numa linguagem verbal e não-verbal que vem do analisando, às vezes sinalizadas primordialmente só no corpo. O analista escuta com o próprio corpo o que emana do corpo do analisando, escutando não apenas as palavras, mas indo além. Escutar com o próprio

corpo é ser capaz de captar a atmosfera e viver as intensidades que o encontro analítico engendra (FERNANDES, 1999). Essa é a condição que possibilita uma escuta analítica do corpo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COUTINHO, A. M. M. (1994). *Psicanalista, uma função sedutora?* Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. (2001) O que nós, psicanalistas, podemos aprender com Foucault. *Psicologia Clínica – Foucault 40 anos de História da Loucura*, v. 13, n. 1, (pp.65-89).
- BIRMAN, J. (1991). *Freud e a Experiência Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus Timbre.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Le Corps et l'affect en psychanalyse: une lecture critique du discours freudien. Revue Du Cercle Freudien - Che vuoi?* Nouvelle serie n. 7, (pp.13-26).
- DELEUZE, G. (1972-1990/1992). *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- DOLTO, F. (1984/1992). *L'Image Inconscient Du corps*. Paris: Seuil.
- DUNKER, C. I. L. & KYRILLOS, F. (2006). Identidade e a degradação da carne. *Mal-Estar e Subjetividade*, v. VI, n. 1, (pp.111-124).
- FERNANDES, M. H. (1999). *L'hypocondrie du revê et le silence des organes: une clinique psychanalytique du somatique*. Paris: Ed. Presses Universitaires du Septentrion.
- FOUCAULT, M. (1966). *La Pensée du dehors. Critique*, n. 229, (pp.523-546).
- \_\_\_\_\_. (1971/1993). Nietzsche, a Genealogia e a História. In: *Microfísica do poder*. (pp. 15-37). Rio de Janeiro: Graal.
- \_\_\_\_\_. (1977/1993). Verdade e Poder. In: *Microfísica do Poder*. (pp. 4-5). Rio de Janeiro: Graal.
- \_\_\_\_\_. (1982). *História da Sexualidade I – A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal.

- \_\_\_\_\_. (1983/1995). Sobre a genealogia da Ética: uma revisão do trabalho. In: Dreyfus, H. L. & Rabonov, P. *Michel Foucault – uma trajetória filosófica*. (pp. 268-272). Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_. (1984). What is Enlightenment? In: *The Foucault Reader*. (pp. 32-50). New York: Pantheon Books.
- FREUD, S. (1923/1976). *O Ego e o Id*. Obras Completas, ESB, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1937/1975). *Construções em Análise*. Obras Completas, ESB, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago.
- KRISTEVA, J. (1974). *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva.
- \_\_\_\_\_. (1983). *Histoires d'amour*. Paris: Éditions Denoël.
- LACAN, J. (1949/1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MACHEREY, P. (1988). Foucault: *Éthique et Subjectivité*. In: *Autrement*, n. 102, (pp.92-103).
- MIELI, P. (2002). *Sobre as manipulações irreversíveis do corpo*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- NASIO, J.-D. (2007). *Mon corps et ses images*. Paris: Éditions Payot & Rivages.
- PASSOS, e. & BENEVIDES, R. (2001). Clínica e biopolítica. *Psicologia Clínica – Foucault 40 anos de História da Loucura*, v. 13, n.1, ( pp.89-99).
- RICOEUR, P. (1988). *Interpretação e Ideologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- TODOROV, T. (1971). *Estruturalismo e Poética*. São Paulo: Cultrix.
- VAZ, P. (1992). *Um pensamento infame*. Rio de Janeiro: Imago.

## NOTAS

- <sup>1</sup> KEHL, Maria Rita – Gravação de DVD – Sobre Drogas, Café Filosófico, Rio de Janeiro, (s/data).

Recebido em: 31/07/2008

Aceito em: 14/08/2008